

# A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

<p>ASSIGNATURA. (Sem estampilha.)</p> <p>Por anno..... 2\$400 « Semestre.... 1\$300 « Trimestre.... \$720</p>	<p><i>Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova do Muro n.º 48. Preço de cada numero avulso 40 rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 rs. por linha, repetição 20 rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 30 rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.</i></p>	<p>ASSIGNATURA. (Com estampilha)</p> <p>Por anno..... 2\$930 « Semestre.... 1\$560 « Trimestre.... \$850</p>
---	---	--

GUIMARÃES 30 DE SETEMBRO

O *Bracarense* no dia em que escreveu o artigo principal do seu n.º 327 estava tão desorientado, quanto o homem, que, acommittido de todos os lados, busca a sua salvação battendo indistinctamente em tudo que encontra, sem reflectir, se quer, se offende amigos ou inimigos, nem mesmo reparar, se, no terreno que pisa, está algum precipicio, em que vá encontrar a sua ruina.

Começa o contemporaneo — O snr. Fontes viaja, como viajou, quando era ministro da Fazenda. —

É isso mesmo, o que dizem os jornaes que se aproximam á verdade — sua exc.<sup>a</sup>, dizem elles, não viaja, como simples particular, que é; mas sim como no tempo em que se achava no poder — e nós dizemos — com sua differença — por exemplo quando o sr. Fontes estava no poder, e veio a Guimarães já nós andavamos neste mundo, e por esta cidade, não nos dando então ao trabalho de atravessar uma rua para vermos um ministro da Corôa, quando é certo, que agora vestimos a casaca do casamento de nosso avô para o irmos comprimentar, e iriamos muitas legoas para termos o gosto de conhecer o sr. Fontes, um dos chefes da opposição. Se s. exc.<sup>a</sup>, sendo ministro, nada fez em favor do Minho, não se segue que d'ora em diante nada faça. O sr. Fontes nem podia, nem pôde ser immenso. Fez muito em favor d'outras provincias e queria fazer de mais: ora, vindo agora observar, e indagar as necessidades d'esta, é de crer, que julgue ter chegado a sua vez.

Diz mais o contemporaneo — A viagem de s. exc.<sup>a</sup> passaria despercebida de todos, se não fôra a importancia, com que tem querido celebral-a os jornaes regeneradores — (!)

Se tudo se movesse pela importancia que os jornaes querem dar ás cousas, não teriamos visto uma eleição favoravel aos ministros; não teriamos visto sancionar no parlamento eleições manifestamente viciadas; não veriamos, ha muito, um só juiz corrupto; não teriamos que lamentar a escravidão de portuguezes; não haveria em Portugal um unico moedeiro falso; não veriamos as torpezas nos contractos Petto, nem oitocentos contos de reis trocados por trez embarcações inuteis; não teriamos, finalmente, um governo Avilal, nem as irmãs da charidade france-

zas, e frades lazaristas occupadas na instrucção da infancia desvalida. Os jornaes não celebram a viagem do sr. Fontes, quem a faz celebre é a opinião: são os habitantes das villas e cidades; são os homens de todas as classes da sociedade, e as mesmas classes representadas por pessoas; são as auctoridades, delegados do governo, contra o qual o contemporaneo receia e teme elle conspire!

Os jornaes teem narrado os factos; e, de duas uma, ou estes são verdadeiros, ou falsos. Se são verdadeiros cale-se o contemporaneo e gema; se são falsos, denuncie-os como taes, e diga então — Os jornaes teem importancia em celebrar a viagem do sr. Fontes. —

De mais, como havia o sr. Fontes de occultar a sua viagem, para transitar despercebido? — Queria o contemporaneo, que o joven estadista della fizesse mysterio; que desfigurasse as suas feições; que tomasse os andrajos de mendicante; e que viajasse sem passaporte?! — Não, que s. exc.<sup>a</sup> sabe, que ha leis de policia, e que Braga tem uma cadeia segura, e incapaz para o tempo de progresso.

Importancia! O *Bracarense* é, o que dá importancia aos factos, querendo tirar-lhes o que nelles ha de importante por meios menos proprios do escriptor imparcial, quaes são os de tentar inculcar como partidario, o que é demonstrações publicas, com caracteres de nacionalidade.

Jornaes regeneradores! Não foi esse o nome, que recebemos no baptismo, nem vemos no contemporaneo jurisdicção para poder crismar-nos; com tudo não vemos tambem obstaculo, a que se chame regenerador a um jornal cartista; porque, pondo de parte o acto addicional, nunca vimos, que a Carta fosse melhor executada, do que no tempo do governo regenerador.

Nem julgue o contemporaneo que queremos adular, ou adorar um sol, que supomos nascente! Seria mais uma injustiça. — Quem, ha poucos dias, declarou ter visto *sem sentimento*, a queda da regeneração, não mostra grande desejo de adular o partido regenerador, ou os cahidos ministros da regeneração, mormente não tendo, o que assim se exprime, concorrido para tal queda, nem sequer com o seu nome entre os cincoenta mil peticionarios.

Concedamos que o sr. Fontes nada fizesse, quando poder, em favor do Minho: concedamos, como concedemos, que menos agora possa fazer, quando deputado da minoria; concedamos, que, resentido,

foi um obstaculo aos melhoramentos de Braga e Guimarães...eh! que se segue de ahí? — Que o povo do Minho não é vingativo; que é generoso em demasia, que é tolo mesmo, se o contemporaneo assim o quer, que ainda dá vivas ao capitão-mór; mas não desfigure, e lance veneno nos factos que o Minho praticou, escrevendo no centro da provincia do Minho.

O sr. Fontes Pereira de Mello esteve em Guimarães, aonde, salvos os resultados da sua modestia, foi recebido e tratado como uma das primeiras notabilidades do paiz; mas nem por isso deixou de ouvir, o que o contemporaneo não seria capaz de dizer *na sua face conquistadora*; porque Guimarães, tendo alguns sabujos, tem muitos cavalheiros independentes que desconhecem e regeitam as conveniencias da lisonja, e não se movem á vontade dos deputados, porisso que são da maioria.

Se o sr. Fontes nada poder conseguir, dámo-nos por satisfeitos com as suas diligencias, e ellas serão sufficientes para a nossa gratidão. Guimarães tem quatro deputados todos elles, felizmente, da minoria, e nem porisso está arrependido da escolha dos seus eleitos — Guimarães dá todo o apreço ao merecimento, e só os merecimentos do snr. Fontes pozeram em festival movimento aquella notavel população.

J. I. d'Abreu Vieira.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

Secretaria geral. — 2.ª Repartição.

TENDO-SE verificado a vagatura de doze deputados na camara electiva, sendo necessario, que para o complemento da representação nacional, se proceda ás eleições competentes: Hei por bem Tendo em vista o decreto eleitoral de 30 de Setembro de 1852, e a resolução da mesma camara, tomada em sessão de 13 de Agosto do corrente anno, decretar o seguinte:

Artigo 1.º São convocadas para o dia tres do proximo mez de Outubro as commissões do recenseamento dos concelhos ou bairros do continente do reino, em cujos circulos electoraes ha de ter logar a eleição.

Art. 2.º A designação destes circulos, e o numero de deputados que lhe compete eleger, constam do mappa junto que faz parte deste decreto, e com elle

baixa assignado pelo ministro e secretario de Estado dos negocios do Reino.

Art. 3.<sup>o</sup> No desempenho das obrigações que, pelos §§ 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> do art. 110.<sup>o</sup> do citado decreto eleitoral, são impostas ás commissões de recenseamento, devem ellas nomear desde logo os presidentes das assembleas eleitoraes, enviando-lhes opportunamente os cadernos do recenseamento alludidos no art. 44.<sup>o</sup> do mesmo decreto; convocar os eleitores para a reunião nas suas respectivas assembleas; annunciar por editaes, nos termos do referido art. 110.<sup>o</sup>, § 1.<sup>o</sup>, que a reunião das assembleas ha-de verificar-se no domingo dezesete do referido mez de Outubro no mesmo local, e á mesma hora em que teve lugar a eleição geral decretada em 6 d'Abril do corrente anno, declarando nesses editaes o numero de deputados, marcado no mappa junto a este decreto, que as assembleas devem eleger.

Art. 4.<sup>o</sup> Os trabalhos a cargo das assembleas eleitoraes serão por ellas regulados, segundo as prescripções do art. 49.<sup>o</sup> e seguintes do citado decreto eleitoral.

Art. 5.<sup>o</sup> Os portadores das actas devem comparecer com ellas na cabeça do respectivo circulo eleitoral, no domingo immediato vinte e quatro do dito mez d'Outubro, no qual terá lugar o apuramento de votos de todo o circulo, e este trabalho será regulado pelo modo que determina o titulo 12.<sup>o</sup>, formando-se a competente relação para o caso de segundo escrutinio, previsto no art. 95.<sup>o</sup> do titulo 13.<sup>o</sup> do mesmo decreto.

Art. 6.<sup>o</sup> O governador civil do districto do Funchal dará cumprimento ao presente decreto na parte que lhe respeita, designando para a reunião das commissões de recenseamento, e para a celebração dos actos eleitoraes, os dias que forem compatíveis com as distancias e meios de communicação.

O ministro e secretario d'Estado dos negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 20 de Setembro de 1858. — *Marquez de Loulé.*

[Segue-se o mappa dos circulos eleitoraes]

[Discurso do snr. D. Rodrigo de Menezes.

(Continuado dos n.<sup>os</sup> antecedentes.)

Snr. presidente, levante-se ao paiz um rasgo de generosidade puramente portugueza: não houve terra, não houve freguezia, não houve aldeia, não houve pobre que não mandasse o resultado das suas economias o fructo dos seus trabalhos para acudir aos orphãos e viuvas da febre amarella: todas estas esmolas foram depositadas na mão do governo; o governo tem tido a maior confiança, que tem havido: é o pobresinho, apesar das suas necessidades, que corre em auxilio do seu irmão afflicto. Esses, é que dão verdadeiramente esmolas. Para o pobre que nada tem, é tanto dar cinco reis como para quem tem cem contos dar tres ou quatro. (Vozes:— E' verdade, apoiado.)

Esse pobre confiou no governo, e disse: «Ahi vae a minha esmolla para a viuva, para o orphão, para o desgraçado, que escapando á febre amarella, ficou reduzido á mendicidade.» Porque a morte é o menor dos males que acontece n'esta vida; ainda não ouvi ninguem queixar-se de ter morrido (Riso), ninguem, olhem que mal tão grande que ninguem se queixa! Este é que é o grande remedio que eu hei de ter aos meus males e soffrimentos.

Sr. presidente, como correspondeu o governo a esta confiança publica, manifesta e inteira n'ello? como? Não dando contas e não applicando o dinheiro. Quer v. exc.<sup>a</sup> saber quanto se diz que existe d'este dinheiro? Eu bem dizia que não podia ser hoje tão amavel com ss. exc.<sup>as</sup> como me pareceu que tinha sido outro dia; mas creiam que tudo isto não altera em nada a consideração, respeito e estima que tenho por ss. exc.<sup>as</sup> Diz o publico, que é quem sabe de todos os acontecimentos, de todas as cousas, e de todos os negocios por mais intrincados e reconditos que sejam, que não ha em caixa mais do que 40:000:000 reis! Pois seja 40:000:000 rs., em que se gastou o mais? Não foi n'esse asylo da Ajuda, que é regido por umas senhoras que são as verdadeiras irmãs da caridade, porque não ha desgraçado em Lisboa que não conheça a snr.<sup>a</sup> condessa de Rio Maior, (Apoiados.) e mais ainda, que não conheça sua filha, (Apoiados.) uma menina instruida, de muito espirito, de muita delicadeza, com belleza mesmo, e que se entrega constante e permanentemente ao serviço arduo e duro de andar subindo escadas com sua mãe para levar a esmola ao desgraçado, o pão ao infeliz, a roupa ao nú, e para cumprir todas as obras de misericordia. E é isso cá para mim quem salva o asylo; essas senhoras vêm-se com todas as difficuldades, vêm-se reduzidas a todas as angustias do coração para acudir a aquellas creanças infelizes, e não é só ás que lá estão no asylo, é tambem ás que estão cá fóra, porque as creanças são oitocentas e tantas e só trezentas estão recolhidas. Quinhentas não estão bem tratadas: comem pouco, não aprendem nada, e preparam-se para a perdição, porque é o que acontece em Portugal. Não só em Lisboa, mas na maior parte das terras das nossas provincias vêm-se creanças abandonadas; aqui está um illustre deputado de Braga que não me deixará ficar mal; vêm-se nas ruas d'aquella cidade vinte ou trinta creanças, dormindo como cães á roda uns dos outros, para com o calor animal poderem supportar o frio da estação; vêm-se deitadas ás portas das casas transidas de frio e fome, e a auctoridade administrativa julgo que vê isto, e não lhe dá remedio porque não pôde... porque não pôde, snr. presidente. E ha estabelecimentos de piedade com um capital de perto de reis 2,000:000:000, em que se alguém fór tocar para acudir a estas desgraças, gritam logo que é um attentado e empregam o dinheiro em festas, como se Deus aceitasse os foguetes e os fogos de artificio, como se Deus senão affligisse de vêr deitar ao chão, á porta d'aquella mesmo que o está desbaratando, o patrimonio do pobre, porque a esmola do rico é o patrimonio do pobre, gasto em festejos, em enfeitar cargos e em mil outras cousas que eu não quero mencionar. E agora direi eu de passagem que uma parte d'esses capitais são emprestados, e estão hoje pelas mãos de particulares que não pagam, e que se tornam caloteiros, porque isto aprende-se, é um officio que se aprende, e que vão pedir ás misericordias um emprestimo a 5 por cento para negociarem com outros a 12 e a 20! (Apoiados.)

Sr. presidente, Portugal faltam-lhe recursos? O que lhe falta é juizo. Eu tenho-me visto em muitas afflicções na minha vida; quando me vi sem dinheiro é que achei recursos, porque até ahi não os procurava; gastava; faltou-me, procurei os recursos.

Sr. presidente, a falta de contas das esmolas applicadas para os infelizes da febre amarella, é um escandalo; peço perdão da aspereza d'esta expressão, ainda não diz bem tudo o que sinto no fundo do meu coração. É offensivo e escandaloso, em presença dos deveres sociaes, guardar a esmola do pobre, e não lhe dar o destino que manda dar quem a fez. (Apoiados.) Se vier uma outra clamidade, os srs ministros não podem tirar da esmola dada para as victimas da calamidade que passou, nem uma moeda d'um real, para a dar ás victimas da nova calamidade; é necessario respeitar a propriedade e a intenção: essa esmola é d'aquelles, não é d'estes.

Morreram da febre amarella dezeseis medicos, dezeseis facultativos, não sei se seria mais, deixaram as familias todas ricas? Morreram cinquenta e dous padres, e esses padres, esses mar-

tyres, não teriam mãe, irmãs, familia infeliz e desgraçada, a quem se deva supprir e soccorrer? Oh, snr. presidente! E mesmo os ricos, mesmo os que tinham fortuna, precisam d'al-guma cousa que anime, que conforte e dê estímulo. Pois dão-se commendas e habitos, faz-se todo o mundo titular, faz-se todo o mundo grande (quanto mais liberal é o homem, por vergonha da humanidade, mais apreço dá a estas frioleiras), e não se dá um habito, não se dá uma distincção ao medico e ao padre que velou á cabeceira de milhares de doentes, e que alli sacrificou o futuro da sua familia. (Apoiados.) que alli sacrificou pela humanidade o amor a seus filhos e a sua mulher, a quem sabia que, morrendo, deixava ás portas de Lisboa a pedir esmola!...

E os ricos, sr. presidente? Os ricos tratam de servir a Deus, mas sem desagradar ao diabo! (Riso.) Dão quanto querem, ninguem os obriga a dar... Sr. presidente, só dá quem tem precisão, que esse é que sabe a desgraça e a necessidade do pobre: quem lhe sobeja não dá nada. Ha sujeitinho que se tivesse sabido quando havia de morrer, na vespóra fazia cousas grandes! [Risadas.] Melhoremos a instrucção publica, melhoremos este grande elemento de civilisação que está abandonado; não é formando cadeiras e entregando as a mestres que nada sabem, com uma meza de pinho que dá a camara municipal e dous bancos, que isso se conseguirá.

Ora de que serve a instrucção assim? Não serve de nada. Eu quando peço isto, não quero dizer que os ministros centralisem tudo, porque um dos nossos grandes males tem sido a centralisação levada ao ponto em que a temos. Diz o sr. Alexandre Herculano que a centralisação que hoje existe é o absolutismo liberal, porque está centralizado nos ministros o que d'antes estava na mão do rei: mas então o rei tinha certa responsabilidade; ouvia certos tribunaes, e quando se excedia, vinha uma revolta que o punha a caminho; não tenha duvida nenhuma, essa é a belleza do systema constitucional, e peço perdão aos meus nobres amigos para entrar n'esta questão. Os srs. ministros querem que eu tenha confiança no governo? Eu sou homem de principios, sou liberal, não pelo que vejo; sou liberal por que fui beber ao Evangelho os principios liberaes que tenho; foi alli que Deus igualou perante si todos os homens, a lei deve do mesmo modo igualar-nos a todos.

E foi por isso que me horrorisei quando o sr. ministro da fazenda, no discurso que n'outro dia aqui fez, sustentou a theoria apresentada do alto d'aquella tribuna, de que a dissolução da camara era um acto do poder moderador, de sorte que nós não podemos tocar n'aquella arca santa sem offender o espirito da carta. (O sr. ministro da fazenda: — Não disse tal.) Ora, eu peço perdão; s. exc.<sup>a</sup> tomou a responsabilidade, mas tomou-a como um acto de puro cavalheirismo.

Sr. presidente, quando alguém aconselha ao chefe do estado que dissolva uma camara, não se enbrulha no manto real; o homem de estado que não é capaz de ouvir contrariar as suas opiniões, não é liberal, é necessario que com sangue frio me ouçam, e que assim como do alto d'aquella tribuna disseram tudo quanto quizeram, me deixem tambem agora fallar. (O sr. presidente: — Ninguem o interrompe: o illustre deputado pôde fallar.) Eu sei, tenho a experiencia da amabilidade com que a camara me honra, e, uma das cousas que me faz uma admiração extraordinaria é porque eu não mereço de todos os lados da camara o favor com que me tratam, e digo em consciencia, como homem que fallo diante de Deus, que não esperava o favor com que o camara me tem tratado, e não é só agora, isto dá-se ha tres legislaturas; e creio que é por uma rasão, e v. exc.<sup>a</sup> já a conhece, porque se disse aqui um dia que eu não era infallivel; de certo não sou infallivel, mas sou verdadeiro; a camara sabe que sinto o que digo, e que sigo os dictames da minha consciencia, e eu creio que por isso mesmo que sou verdadeiro, é que a amizade, com que me honro, do sr. ministro das obras publicas, ha de augmentar ainda mais... (O sr. ministro das Obras Publicas: —...)

O orador: — Muito obrigado! Mas se hou-

vesse um governo mau que substituisse o actual, o que se seguia d'ahi! Repetir-se-fam estes acontecimentos! Escolher até acertar, guerrear até acertar; era o que eu faria em quanto podesse. (O sr. Romeiro: — Apoiado.) O nobre ministro está com tanta amabilidade comigo, que eu não quero repetir o que se disse já: alguém ha que diz que se esta administração saísse do poder, não podia acontecer peor do que succedeu quando caio a regeneração, que foi vir outro governo peor; eu não quero dizer isto, mas ha quem o diga; fui eu mesmo na sessão passada: pôde vir peor e pôde, vir melhor.

Sr. presidente, que diz o artigo 139.º da carta constitucional? Diz o seguinte:

« As côrtes geraes no principio das suas sessões examinarão, se a constituição politica do reino tem sido exactamente observada, para prover como fôr justo. »

Para que é isto? Isto não serve de nada na carta?

[Continúa]

## INTERIOR.

*Difficuldades diplomaticas.* — Corre como certo que o ministro francez interrompêra as relações com o nosso governo, por este se recusar á entrega da barca apresada nos mares de Moçambique, e que actualmente se acha surta no Tejo. Talvez que em Portugal se queira representar o papel que com o *Cagliari* se passou em Napoles. Como quer que seja, parece-nos que com a força da justiça se conservará intacta a dignidade do paiz.

Seremos sempre pelo direito e justiça.

*Viagem real.* — Informam-nos os que o Senhor Infante D. Luiz sahirá em breve para visitar as nossas ilhas, principiando pela da Madeira.

Alem da grande satisfação que nossos irmãos das ilhas hão de sentir com a honra de vêr entre si um irmão dos nossos Reis, estamos convencidos que muito aproveitará, com esta e outras viagens, o illustrado Infante, de quem a patria tanto deseja o adiantamento no ramo a que se dedica.

*Luto.* — S. M. El-Rei e a côrte tomaram luto por vinte dias, a contar do dia 20 do corrente, em demonstração de sentimento pela morte de S. A. a princeza Margarida de Saxonia, archiduqueza de Austria, sendo os primeiros dez dias de luto rigoroso.

(Rei e Ordem)

*Que tolerancia!* — Consta-nos que fôra chamado a Lisboa pelo telegrapho o sr. Possidonio de Freitas, commandante do batalhão de caçadores n.º 4, e que o querem perseguir por causa de ter assignado contra as irmãs da caridade!!

(Porto e Carta)

*Que tolerancia!* — Diz o Porto e Carta. Que significação poderão ter as assignaturas da Parlamento e da Nação? pergunta a Tesoura de Guimarães.

*Oxalá continue!* — Hoje ou amanhã sahem do Asylo dos Anjos as irmãs da caridade francezas, e passa o asylo a ser dirigido por mestras portuguezas.

As irmãs francezas vão para o asylo da Ajuda.

Estamos informados do serviço que as irmãs francezas faziam no asylo. Em primeiro lugar, não fallando portuguez, ape-

nas sabiam recitar n'uma algaravia intelligivel uma oração e explicar um quadro da historia sagrada. Eram muito senhoras de si, não reconheciam superiores senão a seus directores espirituaes, ou a sua superiora. Não cumpriam os regulamentos do asylo, e quando se lhes fazia alguma advertencia, respondiam que consultariam o seu director espiritual!

Estas informações recebemol-as de pessoas dignas do maior conceito, e concordam com o que a respeito do serviço das irmãs escreveu n'este jornal no nosso amigo o sr. D. Marques.

Folgamos que o decreto de 3 de Setembro vá sendo executado, e confiamos que a sua execução será plena e inteira e conforme ás leis anteriores, que não derogou nem podia derogar, e que regulam a permanencia n'este reino de religiosos estrangeiros.

O asylo dos Anjos esteve fechado dois dias porque as irmãs francezas tendo sido avisadas de que tinham de sahir do asylo, deram ordem ás creanças para virem no outro dia. Nesse dia pois e no segundo esteve o asylo fechado, mas logo se abriu, porque a direcção nunca teve o pensamento de o fechar.

Um jornal fez hoje lastimosas considerações sobre o facto que acima deixamos narrado. Temos plena confiança na caridade verdadeira dos habitantes de Lisboa; as casas de asylo hão de continuar a ter a mesma protecção que até agora: se por ventura algumas subscripções se retirarem por causa da sahida das irmãs francezas, outras as substituirão. A caridade não está resumida em meia duzia de pessoas. Por isso, tranquillise-se o denodado campeão do lazzarismo e da restauração das ordens religiosas os asylos hão de subsistir.

(J. do Commercio.)

Lisboa 25.

« Celebrou-se hoje na real egreja de S. Vicente de fóra os officios e orações fúnebres, que todos os annos em igual dia se celebram pelo descanço do immortal dador da Carta, o duque de Bragança.

Assistiram a esta religiosa solemnidade, na tribuna real, S. M. El-Rei D. Pedro V, sua augusta esposa a rainha D. Stephania; S. M. El-Rei D. Fernando, e o serenissimo infante D. Luiz. Afóra estes distinctos personagens, enchiam as tribunas, que expressamente se haviam levantado no cruzeiro do tempo, e as bancadas que tambem alli extiam cobertas de densos crepes, o corpo diplomatico, tendo á sua frente o representante da nunciatura apostolica, e os ministros de Inglaterra, França, Austria, etc.; o presidente do conselho de ministros, e os ministros da guerra, fazenda e obras publicas, muitos membros das duas camaras, officiaes superiores do exercito e da armada, entrando no numero destes ultimos o almirante Sartorius, conde de Penha-Firme; a camara municipal de Lisboa, e o commandante da guarda municipal, altos dignatarios do estado; varios titulares, deputações de diversos tribunaes e corporações, e fortes piquetes de todos os corpos da guarnição, com os seus respectivos officiaes de fileira e officiaes inferiores á testa. Uma numerosa concurrencia de populares de todas as classes sociaes cercava por todos os lados, e aper-

tava em estreito circulo este brilhante cortejo.

A missa era de Cosmelli, de grave e solemne musica, e officiou o eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa.

A guarda de honra foi feita pelo batalhão de caçadores n.º 5, e as descargas foram como um só tiro, sobre tudo as duas primeiras.

Desde o toque de alvorada até ao arrear das bandeiras que os lugubres sons da artilheria annunciaram aos habitantes da capital o anniversario de tão infausta morte.

Quando as detonações da fuzilaria se iam confundir com o estampido dos canhões, de envolta com essa harmonia das campas chamada o dobro dos finados, o aspecto era soberanamente melancolico, e por mais d'uma vez se deslizaram algumas lagrimas de saudade pelo valente general que conduzira os livres nas pelegas da liberdade. »

(Revolução de Setembro)

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Londres 16. — A imprensa ingleza preocupa-se muito da cessão do porto de Villa franca (no Mediterraneo) á Russia.

O imperador da Russia ia partir de Moscow para a capital da Polonia.

O chefe circassiano Schamyl foi derrotado no Caucaso, pelo general russo Erdzimoff.

Vae experimentar-se em Vincennes o canhão electrico inventado recentemente.

Parece que na sua viagem ao Mediterraneo o gran-duque Constantino tocará em algum porto de Hespanha.

Projecta-se o estabelecimento d'um telegrapho electrico entre a Russia e China, chegando neste ultimo ponto até Pekin.

Uma carta particular de Napoles, diz que no dia seguinte á festa de 8 de Setembro se fizeram muitas prisões, em consequencia do descobrimento d'uma conspiração.

Segundo as noticias da Allemanha, no seio do governo austriaco, ha animados debates, por motivo da nova lei municipal. A opposição que o partido authocratico faz aos planos do barão de Baeh é tão firme e influente, que se receia do exito dos projectos do ministro. Porem este é apoiado pelo Imperador, e espera com este apoio converter o estado feudal da Austria, em um estado mais d'accordo com as ideias politicas da epocha.

## HESPANHA.

Do decreto que publica a «Gasetta de Madrid», foi levantado o estado do sitio na Catalunha.

Outro decreto de 20, manda proceder ás eleições geraes de deputados ás côrtes, no dia 31 de Outubro.

A rainha chegou a Madrid no dia 21.

O governo hespanhol dirigiu aos governadores das provincias uma circular, desenvolvendo o seu programma.

Diz sobre o passado:

1.º Que o Congresso dissolvido não só podia ser um obstaculo para os minis-

tros actuaes, mas tambem para todos os que S. M. nomeasse.

2.º Que o restabelecimento das listas de 1854 submeteu a um criterio eleitoral improprio, o juizo d'uma das mais importantes situações politicas em que se tem achado o paiz.

3.º Que o Congresso se achava agitado de paixões, que não poderam calmar nem os esforços da rainha, nem os do ministerio Isturiz, sahido da sua maioria.

Sobre o futuro diz que o governo se propõe:

1.º Governar com a Constituição que encontrou vigente.

2.º Levar a cabo desde logo a desamortisação civil.

3.º Apresentar ás côrtes leis de Municipalidades e Deputações, em que se dê a conveniente vida propria ao municipio e á provincia.

4.º Descentralisar prudentemente a administração publica.

5.º Devolver ao Jury, em uma nova lei o julgamento dos delictos da imprensa.

6.º Altrahir a actividade nacional para o caminho do progresso material do paiz.

7.º Proceder á desamortisação ecclesiastica, precedendo accordo com a Santa Sé. »

Foi levantado o estado de sitio nas provincias de Barcellona, Gerona, Tarragona, Lerida, Mallaga, e territorio do Maestrazgo.

(Commercio do Porto)

## LÓCAES.

*A feira do S. Miguel em Basto.* — É esta a noticia, que hoje se espera com mais impaciencia, porque alli estão ligados os interesses, e afeições de muitas pessoas. Não nos referimos a partes officiaes porque as não temos; porem referimo-nos a informações particulares, que muitas vezes não deixam de ser as mais veridicas.

Depois que o destacamento foi reforçado com as 40 praças, que aqui passaram na segunda feira de manhã, appareceu, na manhã do dia seguinte, o terreno disputado para a feira defendido por tropa, e vedado á entrada do povo e mercadorias. Então principiou o povo a reunir-se em magotes vociferando contra a medida, e contra quem a promovia, que era o dono do campo, o qual, sendo antigamente dos frades, devia estar desoccupado, e franco para a feira. Neste tempo sahiram trez tiros da casa do dito dono do campo, que levando a direcção (dizem) para o presidente da camara feriram mortalmente um brasileiro de Fafe, que com aquelle fallava, e outro homem que a elles estava proximo.

Foi então que o povo se amotinou, querendo forçar a tropa a abandonar a sua posição; porem a tropa para a conservar, teve de dar uma descarga sobre o povo, da qual resultou uns 17 ferimentos, que já deram a morte a trez ou quatro cidadãos, achando-se mais alguns em perigo de vida.

Afirmam que o povo não se queixa dos soldados, havendo muitos que observaram as suas pontarias; mas nem todos lêem por uma cartilha.

A grande multidão desapareceu, e com ella (para o lado opposto) o que fazia as vezes de administrador (irmão do dono do campo) e o mesmo dono do campo, ficando com a jurisdicção o presidente da camara, a quem se dirigiam os primeiros tiros. Este, para prevenir maiores desgraças, fez, com que a tropa se retirasse d'aquelle lugar dando primeiro uma busca á casa do dono do campo, aonde foi ainda encontrado um homem armado, que foi preso, e autoado, obstando em seguida a que a casa fosse queimada pelo povo, que já então alli se achava em quantidade.

*Pomposa festividade.* — Na proxima segunda feira a V. O. Terceira de S. Francisco vai festejar o seu Santo Patriarcha com admiravel pompa, havendo matinas a cantochão no Domingo de tarde. Será este um dia de verdadeiro jubilo para a V. O. Seraphica e para todos aquelles, que sabem amar a Deus e ao proximo, tendo inteira confiança na charidade portugueza.

*Inauguração.* — No solemne dia do Patriarcha S. Francisco vai ser inaugurado o hospital dos entrevados da sua V. O. A Meza encorporada receberá á porta da nova enfermaria, os seus caros irmãos pobres, e inaptos para ganharem o sustento. Ha de ser um acto pathetico e edificante.

*Ainda o dia de S. Francisco.* — Neste solemne dia estará patente com todo o seu acceio, e até riqueza, o hospital geral da V. O. T. Nós convidamos os estrangeiros, (os fidalgos não) para que venham a Guimarães observar a que ponto de elevação chega a charidade portugueza.

*Mais festividade.* — As Terceiras recolhidas no recolhimento do Anjo S. Miguel e alguns devotos festejaram o seu Orago com toda a solemnidade! As senhoras portuguezas, encorporadas dentro do claustro, são tão economicas, que, sendo pobres, campam muitas vezes de ricas!

*Os caminhos de ferro!* — São o grito incessante, sem termos ainda caminhos de terra. Um carro, que d'aqui ia com ferragem para a feira do S. Miguel, virou-se na má estrada, e, tombando sobre o carreiro, quebrou-lhe as pernas.

Vejam com que gosto póde contribuir para caminhos de ferro, quem não tem uma estrada de terra!

*O cometa.* — Ouvimos dizer, que se via, sem o auxilio do oculo! Na verdade este auxilio é bem escusado. Só o cego, e bem cego o não verá.

*Não foi caro.* — Estão, dizem, trez pessoas prezas por roubarem, furtarem, ou tirarem um cabrito, a quem delle fazia muito gosto; matando-o, e comendo-o assado, em uma merenda. Dizem tambem, que só sahirão da cadeia depois de darem ao dono 1\$440 reis, em que foi avaliado. Quando tudo isto assim seja não foi caro porque o gosto roubado não se paga com trez pintos e com trez dias de cadeia.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### O MENSAGEIRO DAS DAMAS,

JORNAL DE MODAS.

Publicou-se o n.º 68 deste jornal contendo alem de escolhidos artigos, um figurino illuminado para fato de homem.

Este jornal publica-se todos os mezes. As assignaturas fazem-se enviando a sua importancia por meio d'uma cautella do seguro do correio dirigida ao Escriptorio da redacção ruã da Patriarchal Queimada n.º 37 — 1.º andar em Lisboa.

Preços por 1 anno com estampilha 1\$560 rs.  
Por 6 mezes..... « 780 «

## O CACIONEIRO.

DE

### JOÃO DE LEMOS.

Com este titulo vamos publicar as composições lyricas do snr. J. de Lemos.

Compôr-se-ha o *Cacioneiro* de trez volumes — intitolados:

- 1.º Flores e Amores.
- 2.º Religião e Patria.
- 3.º Impressões e recordações.

Preço de cada volume, por assignatura 600  
Avulso..... 1\$000

Assigna-se em Lisboa nas lojas do costume. Porto na livraria de Cruz Coutinho — Braga — Livraria de Silva Monteiro, rua de S. Lazaro n.º 11, A, Barreto, Rua do Souta n.º 21. — Guimarães A do Espirito Santo, Terreira da Misericordia.

## ANNUNCIOS.

A comissão encarregada da Assembleia Vimaranesense, tem a honra de participar aos ill.<sup>mos</sup> socios, que a abertura da mesma assemblea terá logar no domingo 3 de Outubro, pelas 6 horas da tarde.  
Guimarães 30 de Setembro de 1858. (499)

### CALDAS DE VIZELLA.

Na quinta de Bell-monte ha para vender Bacorinhos da legitima raça ingleza.  
(498)

O Redactor principal, e proprietario deste periodico annuncia, que, a typographia e radacção mudou no proximo passado dia de S. Miguel para a rua Nova do Muro n.º 48, onde devem dirigir-se todos os Senhores, que tenham alli alguma pertença, ou queiram enviar as suas correspondencias. A morada porem, do redactor continúa a ser no Terreiro de S. Francisco.

O Conselheiro Feliz Pereira de Magalhães, agradece por este meio a todas as Pessoas que lhe fizeram a honra de o complimentar, já que circunstancias extraordinarias o obrigaram a sahir repentinamente para Braga, e d'esta cidade para a do Porto, sem poder voltar á de Guimarães como tencionava.  
(529)

### AGRADECIMENTO.

Francisco d'Azevedo Varella, não podendo pessoalmente agradecer aos seus numerosos amigos, e exc.<sup>mas</sup> snr.<sup>as</sup> que lhe fizeram a honra de o complimentar durante o seu encommo, o faz desta maneira do que pede desculpa, confessando-se eternamente grato a tanta delicadeza.

### GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura,  
rua Nova do Muro n.º 48.